

OS RITUAIS COMUNICATIVOS NO
ENSINO/APRENDIZAGEM DE UMA
LÍNGUA ESTRANGEIRA

Alicinéia Emmerick de ALMEIDA¹

Doutoranda – Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, Universidade de São
Paulo

Os rituais comunicativos no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira

RESUMO

Interagir em língua estrangeira, i.e., realizar rituais comunicativos dentro dos seus aspectos linguísticos e extralinguísticos, significa fazer coabitar vários universos de referência, várias construções e recorres do real, podendo até alguns segmentos se encavalam; significa também ser capaz de se distanciar desse universo 'natural' – a própria língua – ao qual estamos tão acostumados e protegidos, para aprender a reconhecer como legítimos outros pontos de vista, outros valores. Devido aos saberes e conhecimentos partilhados por membros de uma mesma cultura ou grupo social e das experiências que cada indivíduo constrói acerca de seu mundo e do outro a partir de sua própria experiência de vida é que surge a necessidade de se conhecer o comportamento interacional próprio dos falantes de uma determinada língua que se aprende. No ritual, destacam-se os atos convencionais com suas formas linguísticas estereotipadas, e seu valor dialógico (quando um indivíduo faz contato com outro espera-se uma réplica deste).

PALAVRAS-CHAVE

Sociolinguística; comunicação; interação verbal; rituais comunicativos; ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Communicative rituals in foreign language teaching/learning

ABSTRACT

Interacting in a foreign language (i.e. performing rituals deemed communicative in linguistic and extralinguistic terms) means bringing a variety of referential worlds, constructs and angles on reality into contact, some of which may even dovetail. It also means being able to distance ourselves from the 'natural' universe – the language itself – to which we are accustomed and by which we are enveloped in order to learn to accept other points of view and values as legitimate. The know-how and knowledge shared by members of the same culture or social group and the way individuals represent their own world and construe the world of the other on the basis of their own experience require learners to become familiar with the interactional behaviour peculiar to speakers of the language they are learning. Among communicative rituals, conventional acts with their respective stereotyped linguistic forms and the dialogic value attributed to them (e.g. when an individual makes contact with another, he or she expects a response from the latter) deserve special attention.

KEYWORDS

Sociolinguistics; communication; verbal interaction; communicative rituals; foreign language teaching/learning.

Em qualquer sociedade, cada vez que surge a possibilidade de uma interação verbal, entra em jogo um sistema de práticas, de convenções e de regras de procedimento que serve para orientar e organizar o fluxo das mensagens enviadas. Dentro desse conjunto sistêmico, o **ritual** se apresenta como excelente recurso para se analisar importantes aspectos interacionais, devido ao seu valor integrativo e agregador. Desde a conversa familiar de todos os dias, do encontro dos amigos e conhecidos, nos lugares públicos e privados, até a conversa que se estabelece no comércio de modo geral, observamos determinadas regras de aproximação, desenvolvimento e despedida, apropriadas para seu bom funcionamento e realização satisfatória de seus objetivos – os **rituais comunicativos**.

No caso do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE), o conhecimento dos rituais de "engrenagem comunicativa", tais como saudação, apresentação, despedida, agradecimento, elogio, votos, dar/pegar informação, ajudam desculpas etc., atua como uma estratégia, dentre muitas outras, para que o falante não-nativo se comunique com o nativo com menos insegurança, mais auto-confiança, viabilizando uma interpretação por parte deste, o mais próxima possível das intenções do primeiro, permitindo construir assim uma comunicação com menos obstáculos à sua realização.

A noção de ritual

Como definir o conceito de ritual? Se, na maioria das vezes, associa-se o termo a um conjunto de cerimônias religiosas, isto se dá de forma redutora em relação ao emprego do termo na Sociologia, que o define como um conjunto das regras de hábitos, ligado ao costume ou aos hábitos comportamentais de toda uma comunidade. A etnografia da comunicação postula que os atos da fala (atos sociais da linguagem) são formulados dentro de um contexto que leva em conta a situação, os participantes, suas intenções e seus objetivos, já que sua realização está sempre sujeita às normas preferenciais do grupo. Essas normas interacionais ou conversacionais constituem um ritual, ao qual os participantes devem se enquadrar, se quiserem se entender e se aceitar mutuamente como membros do grupo.

De forma mais sucinta, mas não desviada do conceito apresentado no parágrafo anterior, Goffman (1974:73) assim define os rituais no seu livro *Rites d'interaction*:

O ritual é um ato formal e convencional através do qual o indivíduo manifesta seu respeito e sua consideração para com um objeto de valor absoluto ou para com seu representante.²

²Tradução minha, bem como as citações de Salins, Vignaux, e Kerbel-Overchioni.

Os rituais estabelecidos numa interação são atos realizados pelos participantes com o propósito de um demonstrar para o outro seu respeito, sua estima e, paralelamente, de cada um reconhecer o respeito e a estima que lhes são devidos. Salins (1996:256), no capítulo dedicado à comunicação e seus rituais afirma:

Sem rituais [i.e., sem regulamentação das condutas] a comunicação se tornaria literalmente impossível [...]. A aplicação rigorosa do ritual permite ao destinatário entender como eu o vejo e como vou tratá-lo no transcorrer da conversa.

O ritual vai permitir então que se mantenha ou se recrie o equilíbrio constantemente ameaçado numa interação entre interagentes socializados, i.e., que valorizam o bem-estar entre os participantes, tomando, portanto, certas precauções de ordem ritualística em sua conduta. Na interação, o ritual guia os participantes para o exercício de diversas atividades cognitivas: enquadramento contextual e situacional, reconhecimento das relações e escolha do registro da língua, que se realizam sob a forma de estratégias comunicativas. Daí entender-se que o procedimento ritualístico afete toda a comunicação interpessoal.

O ritual comunicativo e construção de sentido na língua do outro

A língua e suas condições de uso são a parte mais visível do *iceberg* que 'trava' a integração e socialização do indivíduo na cultura do outro. Ao se pensar que isto só se dá em relação a línguas e culturas distantes, que se dá em menor grau com línguas e culturas vizinhas, e que não se dá com línguas e culturas semelhantes, precisamos rever nossos conceitos e a construção que fazemos da nossa própria realidade. Senão, vejamos dois exemplos recolhidos em leituras despretensiosas, mas que chamam a atenção justamente por tocarem este campo de conflitos percebidos ou não, que são as representações¹:

O primeiro, extraído do jornal *Gazeta Mercantil* (Caderno Fim de Semana de 10 de novembro de 2000, p.2), é de uma entrevista com o jornalista inglês Chris Cramet, presidente da *CNN International* que em 1996, trocou a BBC de Londres pela CNN:

GZM: Como foi se adaptar a Atlanta?

Cramet: A única dificuldade que enfrentei foi com a língua. Aqui falam alguma coisa que não é inglês. Ainda não descobri...

O segundo exemplo, extraído do Capítulo 20 - Como entender sua língua, do livro *Os Franceses* (ZELDIN, 2000: 328-332), o autor diz:

...todo estrangeiro precisa observar um francês zombando do outro a respeito da maneira como eles próprios usam a língua. Dois parodistas, Burnier e Rambaud, produziram um utilíssimo manual de conversação para permitir que seus conterrâneos menos sofisticados aprendessem sem lágrimas a versão do francês usado pelos cérebros mais refinados para se comunicar, pois nem todo francês é capaz de entender todas as formas da língua francesa.

Esses dois exemplos levantam algumas questões que não podem passar despercebidas. Se pessoas que falam a mesma língua (vivendo em culturas diferentes ou não) muitas vezes não se entendem, constroem barreiras e mal-entendidos ao se comunicarem, como ajudar o aluno de uma LE a 'processar' essas novas categorias que ele se propõe a desvendar, esse confronto com um outro sistema de representação e interpretação levando o aprendiz, na maioria das vezes, a questionar a sua própria língua, até então a única legítima para operacionalizar (na fala e na escrita) sua visão de mundo? Que representações os aprendizes de uma LE fazem quando se aplicam ao estudo do idioma? Que língua pretendem aprender? Quais são as imagens, os modelos que vislumbram dessa língua/cultura? Isso intertere positiva ou negativamente no seu processo de aprendizagem?

Alguns passos podem ser dados; algumas atitudes podem ser tomadas, mesmo que não se chegue a todas as respostas, pois sabe-se que as condições de uso de uma língua estão diretamente ligadas às representações que os aprendizes fazem da língua/cultura alvo. Para Vignaux (1988:169),

a questão não é saber se a realidade que percebemos é "a verdadeira" mas nos perguntarmos como construímos nossos conhecimentos e por quais meios esses conhecimentos se revelam pertinentes com respeito às situações humanas, suas evoluções e aos objetivos que regulam nossas ações.

Construir sentido em outra língua seguramente vai levar o aprendiz a questionar o estatuto de evidência, de verdade absoluta que até então lhe foi imposto pela sua própria língua. Para se chegar a uma compreensão e produção satisfatórias em LE questiona-se o que sempre foi aprendido em língua materna (doravante LM) tão 'naturalmente'. O confronto, longe de ficar só no campo linguístico resvala nas representações sociais e culturais que se tem de si mesmo e do outro. O aprendiz, para perceber melhor o outro, a expressão do outro e se comunicar melhor, vai também se perceber e, ao sair de dentro do seu casulo linguístico e cultural, sua percepção de mundo tende a se expandir e sua vivência é enriquecida também com as diferenças. É curioso, mas a aprendizagem de uma LE muitas vezes é a primeira ocasião que o aprendiz vai ter para refletir sobre como ele se expressa, sobre os recursos que sua língua oferece ou deixa de oferecer ou sobre como funcionam suas relações sociais e seus valores. Este elemento novo (a LE) vem perturbar por algum tempo a ordem do que tem sido sedimentado ao longo dos anos (a LM) mas, à medida que o aprendiz refaz sua percepção da realidade

¹Por representações, entende-se as percepções e projeções não só individuais mas aquelas que se apoiam no imaginário social, provenientes de um repertório de imagens transmitidas pela tradição e também resistentes da dinâmica própria das relações intergrupais. (Ladinsky, 1989:199).

e aceita suas múltiplas abordagens, ele pode estabelecer um diálogo mais crítico e observador consigo mesmo e com o outro.

Muitas vezes, as dificuldades que se erguem para o aprendizado de novas categorias em LE, principalmente aquelas que fogem de algum tipo de equivalência entre a LE e a LM, podem estar ligadas a uma recusa do aprendiz em aceitar que o 'novo' e o 'diferente' possam fazer sentido para ele; também podem estar ligadas a um certo 'evitamento' do custo cognitivo em se adotar o modo que a LE escolheu para representar uma determinada imagem, esquema ou estrutura. Será que já não ouvimos de alguém ou já não pensamos alto alguma vez coisas do tipo: "Como eles conseguem distorcer tanto a realidade assim?" "Essa língua não diz coisa com coisa!" "Por que 'o Sr.', 'voce', 'ele/ela' estão agrupados todos como 3ª p. do sing. em Português?" "Por que 'you are' serve tanto para singular quanto plural em Inglês?" "Por que esta expressão em Francês 'il a beau avoir' nunca fez sentido para mim?" Enfim, as perguntas não se esgotam e os estranhamentos à ordem e organização de mundo do outro e pelo outro também não.

As categorias internas de uma LE não são tidas como arbitrarias pelos locutores. Além de aprender palavras e construções novas, é preciso aprender a construir significações novas. A escolha de uma determinada estrutura em detrimento de outra depende diretamente da situação de comunicação e da relação (distante ou familiar, hierárquica ou igualitária) existente entre os interlocutores em uma situação interacional. Sendo assim, como um aprendiz de LE, nível básico, vai efetuar essa escolha se seu tempo de estudo e contato com a língua alvo ainda não lhe deu subsídios linguísticos e não-linguísticos para usar variações lexicais, por exemplo, em diferentes situações? A estratégia mais comum no aprendiz é valer-se da LM para tentar transferir o tipo de situação vivenciada por ele em sua língua materna para situação equivalente em LE, apesar de que, muitas vezes, o que há é uma falsa idéia de equivalência, pois as relações podem ser vividas em graus e intensidades diferentes do que se entende à primeira vista. As funções podem ser equivalentes em muitas partes do globo mas interagir em cada uma delas, com que intensidade, e em que momento, pode variar em culturas diferentes. Senão, vejamos alguns exemplos:

- algumas fórmulas ritualizadas podem existir na sociedade 'X' mas não encontram equivalência na sociedade 'Y' — você mandaria um cartão de Natal ou desejaría votos de um feliz Natal a um amigo árabe?
- Mesmo que o ritual exista nas duas sociedades, as fórmulas utilizadas podem não ser exatamente equivalentes — ao agradecer quase que pedindo desculpas, o japonês seria mal compreendido na França ou no Brasil.
- Mesmo que o ritual exista nas duas sociedades e se realize com fórmulas semelhantes, elas podem não seguir as mesmas condições de emprego — o 'Bonjour' de um francês às 7:00 da noite certamente soaria estranho para um brasileiro.

Quando Traverso (1996:42) assevera que os rituais facilitam a vida interacio-

nal, em parte devido ao seu caráter 'pré-fabricado', ela tem razão, principalmente no que tange à didática de LE e todo o confronto pelo qual o aprendiz passa ao tomar contato com esse novo sistema de representação de mundo. Tachados de fórmulas vazias, convencionais demais para que haja uma verdadeira comunicação por uns, os rituais comunicativos são as primeiras ferramentas que vão permitir que o aprendiz de LE supere seus sentimentos de impotência e incompreensão da língua de estudo em direção a uma identificação em alguns pontos que vão levá-lo a 'engrenar' uma comunicação, a dar o 'arranque'.

Para o locutor não-nativo (doravante LNN), muitos 'deslizes' serão cometidos até ele perceber qual é o 'padrão' de linguagem e o comportamento cultural daquele determinado grupo, abrindo mão do seu próprio (difícil tarefa mas imprescindível para quebrar barreiras linguísticas e culturais em relação ao outro), que muitas vezes não significa nada para o outro, ou quando muito, pode soar estranho, maldozo, preconceituoso. Nesse difícil percurso, é importante perceber os limites e fronteiras impostos pela comunidade estrangeira, implicitamente ou até mesmo de forma explícita. Aliás, muitas vezes (de propósito ou não), o locutor nativo (doravante LN) se permite ter o direito e o poder de até transgredir algumas normas sociais, linguísticas e de ordem ritual, desestabilizando a relação interacional com um LNN e fazendo brotar reações de mal estar e/ou inferioridade neste último, mas quando é o LNN que se 'apropria' ou utiliza inadvertidamente algo que faz parte do círculo mais restrito do nativo (seria isto um certo 'protecionismo' linguístico e cultural?), algumas sanções serão aplicadas levando novamente o LNN a reações de mal estar e/ou inferioridade. Um exemplo que nos foi relatado mostra um pouco a dimensão do que acaba de ser dito: Ao utilizar uma expressão familiar vulgar que havia escutado na semana anterior pelo mesmo grupo de franceses e no mesmo contexto (todo mundo 'enrolando' pra sair, o tempo passava, e nada...) — "on se casse?" (trad. 'Vamos dar no pé?' ou 'Vamos se mandar?') souu como uma bomba, revirando os antepassados do grupo da tumba, quando dito por uma brasileira que, ingenuamente, não fazia idéia do sacrilégio que havia cometido. Ela entendeu que devia ter sido grave, pois quase todos comentavam entre si, lançando olhares reprovarios — "Elle est gonflée, celle-là!" — "Bah, ouai, dis-donc..." (trad. "Que audaciosa essa aí!" "É mesmo, nossa!")

Como se vê, o fracasso na comunicação pode acontecer devido ao grau de variabilidade de uma regra ou de um princípio que pode não ter o mesmo peso relativo de uma cultura para outra, ou pode não ser hierarquizada(o) da mesma maneira de um sistema linguístico para outro. Dependendo do grau de inadequação de uma mensagem emitida dentro de uma situação onde o grupo (mais especificamente os locutores ou falantes de uma determinada língua alvo) manifesta preferência por um tipo de repertório, de formulação ou funcionamento de rituais, o sistema comunicativo pode entrar em curto-circuito. De um grupo para outro as prioridades de cada sistema de regras variam de intensidade e o

receptor pode reagir mais em função do grau de intensidade do que em função da mensagem propriamente dita. É claro que esse tipo de situação acontece mais nas relações entre LNN e LN, ou entre pelo menos dois LNN cujas línguas de origem sejam diferentes (por exemplo, um alemão e um japonês conversando em francês). Entre LNN cuja língua de origem seja a mesma (por exemplo, dois brasileiros conversando em francês) vai ser mais difícil ocorrer um curto-circuito na comunicação, embora desconfortos e inadequações em alguma situação ou no uso de um termo possam surgir, podendo ser prontamente reparados pela cum- plicidade que têm no domínio de uma mesma LM, podendo lançar mão desse recurso sempre que algum perigo se apresentar para a interação.

Apesar de haver uma tendência nos últimos tempos para que tudo tenha um certo 'toque personalizado', daí a tentativa de se evitar o uso de clichês ou fórmulas muito popularizadas, isto não muda muito a constatação, feita através da observação do comportamento das pessoas em interação, de que os rituais comunicativos se manifestam no dia-a-dia de forma numerosa por mais que se queira fugir da 'padronização', do lugar-comum aos quais eles remetem. Esta é apenas mais uma dicotomia que as pessoas vivem, entre outras: querem evitar o uso dos clichês, das fórmulas prontas, porque defendem sua individualidade e, mais do que isso, tentam escapar do rótulo de 'massificados', 'produtos de série'; buscam incessantemente sua individualidade, sua autenticidade, seu 'selo' personalizado em tudo que são, têm, fazem e falam. Ao mesmo tempo, buscam não perder a face, buscam justamente se identificar com o que julgam ser de bom gosto, atraente, belo, e são levados a atuar em sociedade de forma a repetir e — por que não? — a reforçar um determinado comportamento próprio da cultura que conhecem.

Os rituais, de um modo geral, acabam alavancando aspectos culturais e de comportamento ao longo da interação. Eles determinam a escolha do estilo e dos registros de língua, canalizam a comunicação numa direção preferencial, reforçam a solidariedade e a coesão do grupo e, conseqüentemente, são importantes demarcadores na diferenciação das culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. IN: GARCEZ, P.M. & RIBEIRO, B.T. (org.) *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 1998, p. 11-15.
- GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit, 1974.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tome 3. Paris: A. Colin, 1994.
- _____. *La conversation*. Paris: Seuil, 1996, coll. Mémo.
- _____. *Les actes de langage dans le discours: Théorie et fonctionnement*. Paris: Nathan, 2001, coll. Fac.
- LADMIRAL, J.N. & LIPJANSKY, E.M. *La communication interculturelle*. Paris: Armand Colin, 1989.
- MARCUSCHI, L.A. Aspectos da oralidade descuidados mas relevantes para o ensino do Português como Segunda Língua. Palestra proferida no 4º *Deutscher Lusitanistentag in Germersheim/Rhein*, de 11 a 14 de setembro de 2001. Univ. de Mainz, Alemanha.
- SALINS, G.-D. *Une approche ethnographique de la communication: rencontre en milieu parisien*. Paris: Hatier-Crédit, 1988, coll. LAL.
- _____. de "La communication et ses rituels". In: BOYER, H. (org.) *Sociolinguistique: territoire et objets*. Lausanne/Paris: Delachaux et Niestlé, 1996.
- TRAVERSO, V. *La conversation familiale*. Lyon: PUL, 1996.
- ZELDIN, T. *Os franceses*. São Paulo: Record, 2000.